



PSICANÁLISE

Leopoldo Fulgencio

# Winnicott & companhia

*Winnicott, Klein e Ferenczi*

*Volume 2*

**Blucher**

WINNICOTT &  
COMPANHIA

*Winnicott, Klein e Ferenczi*

*(Volume 2)*

Leopoldo Fulgencio

*Winnicott & companhia: Winnicott, Klein e Ferenczi (Volume 2)*

© 2022 Leopoldo Fulgencio

Editora Edgard Blucher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Amanda Fabbro

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Ana Lúcia dos Santos

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fulgencio, Leopoldo

Winnicott & companhia : Winnicott, Klein e  
Ferenczi (volume 2) / Leopoldo Fulgencio. – São  
Paulo : Blucher, 2022.

172 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-440-7

1. Psicanálise. 2. Winnicott, D. W. (Donald  
Woods), 1896-1971. 3. Klein, Melanie, 1882-1960  
4. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. I. Título.

22-4345

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo do volume 2

Agradecimentos	11
Origem deste livro, fontes dos textos e indicação de alguns padrões editoriais	13
Introdução	17
1. Winnicott e Klein: influências, continuidades e rupturas	31
2. O complexo de Édipo nas obras de Klein e Winnicott: comparações	65
<i>Priscila Toscano de Oliveira Marchioli &amp; Leopoldo Fulgencio</i>	
3. Atualidade de “O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico”	83
4. Winnicott e Ferenczi: plano para estudo das proximidades e distâncias destacadas pela literatura secundária	105

5. Modos de sofrer para Winnicott e Ferenczi e os objetivos do tratamento psicanalítico	125
6. <i>Telos</i> & desenvolvimento de Winnicott & Companhia	147
7. Breves diálogos atuais sobre o lugar da experiência no processo analítico	151
Referências bibliográficas do volume 2	159

# 1. Winnicott e Klein: influências, continuidades e rupturas

As propostas de Winnicott, no que se refere às suas contribuições para o desenvolvimento da teoria e da prática psicanalítica, são dependentes, ainda que não todas, da obra de Klein. Também é um fato a existência de diferenças profundas entre eles, por exemplo, no que se refere à consideração das determinações ambientais, ao tipo de maturidade ou imaturidade do bebê para estabelecer relações de amor e ódio com os objetos reconhecíveis como não eu, a adesão ou rejeição da hipótese de uma pulsão de morte e de uma inveja inata etc. Ele diz, por exemplo, em 1969, em uma conferência redigida para uma reunião científica da Sociedade Britânica de Psicanálise:

*Como com frequência declarei, aprendi muita coisa diretamente de Melanie Klein na década que precedeu a guerra. Poder-se-ia dizer que as novas ideias que vieram dela naquele frutífero período de seu trabalho me impressionaram e tiveram um efeito positivo sobre a totalidade de meu trabalho. Descobri-me capaz de usar a*

*sucessão de ideias novas, mas isto nunca se tornou tão obviamente verdadeiro após a guerra e após o período em que a Sra. Klein organizou-se, e a seus colegas, para defender a sua posição. Meus sentimentos a respeito do trabalho da Sra. Klein mudaram na Conferência de Genebra, durante a leitura de seu trabalho sobre a inveja. Não foi fácil perceber por que é que eu não podia mais aceitar o seu novo enunciado teórico.*<sup>1</sup>

Diversos autores têm tentado analisar as proximidades, distâncias, influências, complementaridades, continuidades e rupturas entre Klein e Winnicott, sendo que, em geral, essas análises parecem mostrar, paradoxalmente, que suas obras estão conectadas e, ao mesmo tempo, têm disparidades conceituais, léxicas e semânticas irreduzíveis. A compreensão das relações entre esses autores não é obra de um livro, muito menos de um artigo, dada a amplitude e a complexidade de suas contribuições; é como se, por analogia, estivéssemos nos colocando a questão das diferenças entre Newton e Einstein, entre a física clássica e a relativista, o que aponta pois, para a impossibilidade de responder a todas as questões que esse problema coloca. No entanto, podemos marcar alguns pontos e, assim, delimitar um quadro dentro do qual uma série de estudos e análises mais pontuais possam ocorrer. É esse o objetivo deste Capítulo.

Sendo sintético na apresentação da minha posição, demonstro algumas considerações epistemológicas e metodológicas para realizar a tarefa de fazer dialogar autores que têm semânticas teórico-conceituais diferentes: considero que são os *fenômenos descritos* por Klein, com a concordância ou discordância (parcial ou total) de Winnicott, os elementos que foram propriamente incorporados

---

1 Winnicott 1989xg, p. 351.

por Winnicott na sua maneira de teorizar e descrever os fatos clínicos, bem como para elaborar uma teoria do desenvolvimento emocional. Tal perspectiva, que coloca os fenômenos e não os conceitos como elos para o diálogo, pode ser um caminho frutífero para a realização de uma comunicação e avaliação crítica entre as propostas teórico-clínicas de Klein e Winnicott, respeitando-se suas diferenças semânticas.

Para explicitar esse tipo de influência de Klein sobre Winnicott, em primeiro lugar, retomarei o que considero ser um *solo comum*, compartilhado por todos os psicanalistas; depois, me dedicarei à análise dos comentadores das relações entre Klein e Winnicott para, ao final, indicar como o conceito de *inveja inata* foi tão rejeitado quanto incorporado por Winnicott em seu sistema teórico.

## O common ground *dos psicanalistas*

Freud afirmou que os fundamentos da teoria psicanalítica eram: o reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes; a importância dada à sexualidade infantil e ao complexo de Édipo; a compreensão psicanalítica da natureza e do modo de funcionamento dos sonhos; e o reconhecimento dos fatos da transferência e da resistência no curso do tratamento pelo método psicanalítico.<sup>2</sup>

Klein e Winnicott compartilham desses fundamentos, ainda que possam ter descrições e referentes um pouco diferentes para cada um deles: não se trata do mesmo tipo de inconsciente, especialmente nas fases mais primitivas do desenvolvimento; não se dá a mesma importância e o mesmo lugar para a sexualidade infantil e o complexo de Édipo; não se lida com a transferência e a

---

2 Cf. em Freud 1905d, p. 227n; 1914d, p. 17; 1923a, p. 247; 1923b, p. 13; 1933a, p. 7.



resistência (especialmente no que se refere ao reconhecimento do ambiente na sua realidade) da mesma maneira etc.

Klein se coloca e é reconhecida como freudiana. Winnicott, por sua vez, ainda que alguns o distanciem de Freud, julga-se um produto da escolar freudiana, sem, no entanto, precisar concordar com tudo que Freud propôs. Winnicott diz, nesse sentido:

*O leitor deve saber que sou um fruto da escola psicanalítica, ou freudiana. Isso não significa que eu tome como correto tudo o que Freud disse ou escreveu; isso seria em todo caso absurdo, visto que Freud continuou desenvolvendo suas teorias – isto é, modificando-as (de modo ordenado, como qualquer cientista) – até o momento de sua morte, em 1939.<sup>3</sup>*

Ao reconhecer o que Freud nos deu de fundamental, Winnicott diz: “[Freud] começou uma abordagem científica do problema do desenvolvimento humano [...] ele nos deu um método a ser usado e desenvolvido, do qual poderemos checar as observações dos outros e contribuir com as nossas próprias observações [...]”<sup>4</sup> Mais do que isso, Winnicott redescreveu uma série de conceitos propostos por Freud (inconsciente, sexualidade, complexo de Édipo, Id, ego, superego, narcisismo primário etc.), dando a eles uma nova realidade.<sup>5</sup>

Neste artigo, procuro indicar que Winnicott tem com Klein uma posição análoga à que teve com Freud, aceitando e reiterando suas descobertas empíricas e redescrevendo e/ou recusando suas especulações. Trata-se de colocar esse tipo de análise em um

---

3 Winnicott 1965t, p. 29.

4 Winnicott 1965t, p. 29.

5 Cf. Fulgencio 2010a, 2013a, 2013d, 2013e, 2014a, 2014d.

quadro geral crítico-avaliativo, não propriamente para esgotar tal tipo de problema, mas para estabelecer, tendo enquadrado o campo de trabalho crítico, a direção para que aprofundamentos futuros possam ser feitos, respeitando-se uma *ética da terminologia* (na qual são conhecidos e respeitados os sentidos e referentes dos termos usados) e um procedimento epistemológico e metodológico para seu desenvolvimento.

### *Reconhecimento e crítica de Winnicott das contribuições de Klein*

Quando Winnicott procura resumir quais foram as contribuições de Klein que não podem ser desperdiçadas pela psicanálise,<sup>6</sup> ele se refere a:

1. *fatos e fenômenos* que passaram, então, a ser vistos e considerados: o reconhecimento das fantasias inconscientes infantis, dos impulsos e objetos benignos e persecutórios (como tendo origem nas experiências instintivas [pulsio-nais] das crianças); a compreensão de mecanismos projetivos e introjetivos na primeira infância, associados às funções corporais e incorporação e excreção; o desvelamento dos impulsos destrutivos nas relações objetais para além do que ocorre em função da frustração em relação ao objeto; a compreensão da defesa maníaca como uma negação da depressão; o reconhecimento de que, no início, a criança pode viver um tipo de angústia de aniquilamento; o reconhecimento de que a criança pode ter sentimentos e impulsos de retaliação, como também fazer um tipo de

---

6 Winnicott 1965va.

cisão do *self* e dos objetos, separando seus aspectos bons e maus, antes que a possibilidade de apreender e viver a ambivalência tenham sido conquistadas.

2. *modificações técnicas* que ampliaram o poder de ação do método psicanalítico (no tratamento de crianças, *borderlines* e psicóticos): a técnica psicanalítica ortodoxa como adequada para o tratamento de crianças (de 2, 5 anos de idade para frente) e de pacientes psicóticos e *borderlines*; a técnica do brincar, com o uso de brinquedos pequenos, como uma expressão do associar livremente do adulto.

Winnicott também se refere às descobertas de Klein dirigidas à primeira infância – focadas no reconhecimento da agressividade (antes de a agressão ser uma reação à frustração) e dos mecanismos de defesa (cisão, projeção e introjeção), contra as ansiedades primitivas, advindas das relações objetais primitivas<sup>7</sup> –, considerando que ela procurou descrever o que é a vida do lactente nas fases iniciais do desenvolvimento emocional, mas que não teria dado atenção suficiente à relação de dependência do bebê no que se refere ao ambiente (à mãe-ambiente) nas fases mais primitivas do desenvolvimento.<sup>8</sup>

Ao fazer um balanço das contribuições de Klein, Winnicott afirma que a “posição depressiva” foi uma descoberta de mesmo peso que a feita por Freud com o complexo de Édipo. Winnicott não está se referindo ao conceito, mas à compreensão de um conjunto de fenômenos e suas relações. Nesse sentido, ele também reconhece como *duvidosas* as especulações kleinianas sobre a pulsão de morte e a inveja e agressividade inatas.

---

7 Winnicott 1960c, p. 51.

8 Winnicott 1960c, p. 51.

Pode-se dizer que todos os fenômenos descritos por Klein (relação mãe-bebê, fantasia inconsciente, brincar, complexo de Édipo precoce, posição depressiva etc.) foram redescritos e teorizados por Winnicott, mas em um léxico e um quadro teórico diferente do dela (elaboração imaginativa, gesto espontâneo, amálgama mãe-bebê, ilusão de onipotência, concernimento, integração da sexualidade no *self*, relações entre pessoas inteiras etc.); da mesma forma, que as especulações kleinianas, como a suposição da existência de uma *inveja inata* e da reiteração da *pulsão de morte*, propostas por Freud, foram consideradas duvidosas e rejeitadas. Em geral, o que Winnicott rejeita corresponde ou especula ao que ele considera uma descrição inadequada dos fenômenos – por exemplo, considerar que o complexo de Édipo poderia ser descrito em termos de objetos parciais.<sup>9</sup>

Assim, o que Winnicott critica veementemente nas propostas de Klein são justamente alguns pressupostos e conceitos que não correspondiam ao que ele percebera da realidade infantil e da realidade clínica, a saber: a consideração de que o bebê pode ter relações de objeto (amor e ódio em relação a propósitos dados como externos ao bebê) desde o início de sua vida pós-natal; o foco excessivo dado à realidade infantil interna (com a não consideração mais efetiva das determinações do ambiente); a teoria da agressividade, elaborada em função da hereditariedade, bem como da inveja inata; a pouca importância dada ao ambiente, seja na compreensão ou na ação clínica, e suas determinações para o desenvolvimento emocional.

---

9 Cf. Marchioli & Fulgencio 2012.

## *Análise crítica das propostas de compreensão das relações entre Winnicott e Klein*

Winnicott se vê como um cientista que construiu sua compreensão a partir de Freud, afirmando-se como um freudiano para além de Freud.<sup>10</sup> No caso de Klein, Winnicott jamais se colocou como um kleiniano, como também jamais foi visto de tal maneira, ao menos na sua época. Greenberg & Mitchell já haviam notado, em um de seus comentários sobre Winnicott, que este usava termos comuns a diversos outros psicanalistas, mas com sentidos diferentes dos que tinham na sua origem:

*Winnicott conserva a tradição de maneira curiosa, em grande parte distorcendo-a. A sua interpretação dos conceitos freudianos e kleinianos é tão idiossincrática e tão pouco representativa da formulação e intenção originais deles a ponto de torná-las, às vezes, irreconhecíveis. Ele reconta a história das ideias psicanalíticas não tanto como se desenvolveu, mas como ele gostaria que tivesse sido, reescrevendo Freud para torná-lo um predecessor mais claro e mais fácil da própria visão de Winnicott.<sup>11</sup>*

Já indiquei, *grosso modo*, de que maneira considero que Klein influenciou Winnicott e, agora, proponho retomar, para uma análise crítica, as posições de outros autores que se dedicaram a analisar as relações entre Klein e Winnicott, que são, as apresentadas por Adam Phillips (1988), John Padel (1991), Joseph Aguayo (2002),

---

10 Cf. Fulgencio 2010a; e todo o Volume 1 de *Winnicott & Companhia*; cf. tb. em Winnicott 1989f, p. 437.

11 Greenberg & Mitchell 1983, p. 139.

Robert Ehrlich (2004), André Green (2005b), Meira Likierman (2007), Susan Kavalier-Adler (2014) e Jan Abram & Robert Douglas Hinshelwood (2018). Trata-se, na avaliação crítica desses comentadores de também inserir seus trabalhos no mesmo quadro epistemológico-metodológico que estou propondo, analisando criticamente suas propostas.

Adam Phillips (1988) defende que Winnicott não pode ser entendido sem referência a Klein, que sua obra está em um *constante diálogo* com as propostas da autora e que ele usa uma série significativa de fatos explicitados por ela, como a importância do mundo interno e seus objetos, o poder difundido e o complexo das fantasias infantis inconscientes, a noção de avidez primitiva etc.<sup>12</sup> No entanto, referindo-se a Freud, Phillips marca uma divergência que também deve ser considerada em relação a Klein:

*Enquanto Freud se preocupava com as enredadas possibilidades de satisfação pessoal de cada indivíduo, para Winnicott essa satisfação seria apenas parte do panorama mais amplo das possibilidades para a autenticidade pessoal do indivíduo, o que ele chamará de “sentir-se real”. Na escrita de Winnicott, a cultura pode facilitar o crescimento, assim como o pode a mãe; para Freud, o homem é dividido e compelido, pelas contradições de seu desejo, na direção de um envolvimento frustrante com os outros. Em Winnicott, o homem só pode encontrar a si mesmo em sua relação com os outros, e na independência conseguida através do reconhecimento da dependência. Para Freud, em resumo, o homem era o animal ambivalente; para Winnicott, ele seria o animal dependente, para quem o desenvolvimento – a*

---

12 Phillips 2007 [1988], p. 31.

*única “certeza” de sua existência – era a tentativa de se tornar “separado sem estar isolado”. Anterior à sexualidade como inaceitável, havia o desamparo. Dependência era a primeira coisa, antes do bem e do mal.*<sup>13</sup>

Nesse livro, Phillips aponta uma série de divergências entre Winnicott e Klein, a saber: a diferente concepção sobre o que é o mundo primitivo do bebê, especialmente no que se refere à recusa que Winnicott faz da descrição Kleiniana (posição esquizoparanoide) dessa fase inicial; os modos de considerar o ambiente, a sua importância no processo de desenvolvimento e nos tratamentos psicoterápicos (psicanalíticos ou feitos com base na compreensão psicanalítica); a compreensão do que é o *self*, termo que não estaria presente nem em Freud nem em Klein; a consideração das relações de dependência, como fator determinante do desenvolvimento e da ação clínica etc.

Phillips também considera que cada grande autor, fundador de um sistema teórico amplo e consistente na psicanálise, está olhando para um aspecto específico da realidade, vendo um conjunto de fenômenos e problemas, focando sua teoria em um ângulo ou colapso específico do processo de desenvolvimento:

*Cada teórico da psicanálise, poder-se-ia dizer, organiza sua teoria em volta do que poderia ser chamado de uma catástrofe essencial; para Freud, era a castração; para Klein, o triunfo da pulsão de morte, e para Winnicott, era a aniquilação do self central pela intrusão, como falha no ambiente de sustentação.*<sup>14</sup>

---

13 Phillips 2007 [1988], p. 29.

14 Phillips 2007 [1988], p. 209.

Todas essas considerações de Phillips fornecem uma apreensão objetiva das diferenças entre Winnicott e outros autores, em especial Freud e Klein, distinguindo o que Winnicott, Klein e Freud teriam visto de forma diferente, o que um e outro teria entendido que não fora considerado em outro sistema, com ênfase, evidente, naquilo que seriam as propostas de Winnicott. No entanto, ao procurar comentar o *constante diálogo* entre Winnicott e Klein, ele não se ateu a diferenciar a disparidade e a incomensurabilidade entre os sistemas teóricos díspares nem a distinguir, na análise dessas diferenças, o que são os fenômenos descritos e o que são os conceitos propostos, o que poderia, pois, obscurecer uma análise mais objetiva do que são as continuidades e rupturas entre tais autores, bem como a especificidade de cada sistema.

John Padel, no seu artigo “The Psychoanalytic Theories of Melanie Klein and Donald Winnicott and Their Interaction in the British Society of Psychoanalysis”,<sup>15</sup> procurou explicitar quais seriam as *interações conceituais* entre Klein e Winnicott, considerando-os, como fundadores da escola das relações de objeto na psicanálise. Sua análise destaca a recusa que Winnicott fez da expressão “posição esquizoparanoide”, como um nome inadequado para referir-se ao que ocorre com o bebê nas primeiras semanas de vida,<sup>16</sup> bem como a crítica que Winnicott fez a Klein por ela não ter considerado adequadamente o ambiente externo.<sup>17</sup> Com esse foco, ele faz uma série de comentários que giram em torno da questão da compreensão da natureza, função e dinâmica do modo de ser do bebê no mundo, no seu início, afirmando, então, qual era o seu propósito e sua hipótese:

---

15 Padel 1991.

16 Padel 1991, p. 326.

17 Padel 1991, p. 335.



*Acredito que Winnicott e Klein estavam tentando explicar o mesmo tipo de experiência, mas que nenhum deles podia aceitar a linguagem do outro ao explicá-la. Klein precisava usar termos que descreviam os atos psíquicos de uma pessoa (bebê, criança ou paciente) sem considerar o comportamento ou as ações do outro (que estava separado, mas que era seu objeto). Então, ela usou o termo identificação projetiva (e introjetiva); a identificação era a consequência do comportamento, mas era uma experiência psíquica e não um ser real. Winnicott precisava de um relato que enfatizasse a realidade do relacionamento entre uma pessoa e a outra, mas principalmente a realidade da identidade passada da mãe e do self de cada um.<sup>18</sup>*

Creio que a consideração de que tanto Klein quanto Winnicott procuram descrever e/ou compreender o que ocorre com o bebê nas fases mais primitivas do desenvolvimento não é suficiente para afirmar que suas teorias (sobre essas fases) têm os mesmos referentes. Basta prestarmos atenção no fato de que Klein defende que o bebê, desde o seu início pós-natal, já tem a capacidade para estabelecer efetivas relações de objeto<sup>19</sup> e que Winnicott considera que o bebê é imaturo para estabelecer tais relações<sup>20</sup> para percebermos que eles não estão se referindo ao mesmo bebê. Poderíamos, também nessa direção, explicitar que o modelo ontológico de homem, proposto por Klein e por Winnicott, não são os mesmos, salientando que a inserção da noção de ser, por Winnicott, na psicanálise, corresponde, como comenta René Roussillon,<sup>21</sup> a uma ruptura

---

18 Padel 1991, p. 342.

19 Klein 1952, p. 72.

20 Winnicott 1988, p. 153.

21 Roussillon 2009, p. 123.

epistemológica.<sup>22</sup> Há determinadas realidades, referentes, que não estão presentes igualmente nos dois autores (*self*, ser, ilusão de onipotência, Édipo precoce etc.), o que torna impossível fazer certas sínteses ou mesmo afirmar que eles podem estar falando da mesma realidade o tempo todo.

Joseph Aguayo,<sup>23</sup> por sua vez, procura descrever *afinidades e divergências* entre Klein e Winnicott, principalmente na sua análise da maneira díspar como eles incluíram o ambiente e suas determinações nas suas teorias.<sup>24</sup> Seu artigo, a meu ver, parece apontar para o fato de que tanto Klein como Winnicott estariam olhando para o mesmo campo de fenômenos, desconsiderando, pois, que Winnicott, redescrivendo Freud e Klein, teria ampliado e/ou modificado, não só a teoria, mas nos referentes fenomenológicos dessas teorias.

Aguayo mostra que Klein influenciou Winnicott e, talvez, também o inverso, mas não esclarece como essa influência foi operada, dado que também não faz a distinção entre a influência via compreensão dos fenômenos e a influência por importação de conceitos. Ele considera que tanto Klein como Winnicott se propuseram a fazer uma extensão da segunda teoria freudiana sobre a estrutura do psiquismo.<sup>25</sup> No entanto, ele não se ateve a diferenciar a natureza dos conceitos metapsicológicos, que são construções auxiliares de valor apenas heurísticos, e conceitos que têm referentes objetivos na realidade factual.<sup>26</sup> Ao não fazer essas distinções nem considerar a questão epistemológica da comensurabilidade e/ou incomensurabilidade entre sistemas teóricos díspares,<sup>27</sup> sua proposta perde

---

22 Cf. Fulgencio (2014b, 2020c) para uma análise mais detalhada da natureza e das consequências dessa ruptura.

23 Aguayo 2002.

24 Aguayo 2002, p. 1133.

25 Aguayo 2002, p. 1136.

26 Cf. Fulgencio 2018a.

27 Cf. Fulgencio 2020b.

objetividade. Não se trata de, a meu ver, estabelecida uma base conceitual (segunda tópica, pulsão de morte etc.), afirmar que tanto Klein como Winnicott fizeram expansões da teoria, mas de afirmar, em outra direção, que as descobertas de Klein e de Winnicott, cada uma à sua maneira, chamam a atenção para um determinado conjunto de fenômenos (“veja isto!”, “considere tal fato!” etc.) que, uma vez apreendidos, seriam redescritos por cada autor.

Robert Ehrlich<sup>28</sup> faz uma ampla análise das *diferenças e oposições* que Winnicott tem em relação à obra de Klein, muitas delas já citadas neste artigo. No entanto, a sua proposta de entendimento dos impulsos ou razões que levaram Winnicott a apresentar suas diferenças em relação a Klein, por vezes até mesmo se opondo a ela, *parece se apoiar nos problemas e ambiguidades pessoais de Winnicott, na sua relação de admiração e inveja em relação a Klein*. Ehrlich, nessa direção, considerou que a obra de Winnicott é uma reação, uma resposta à de Klein, movida por questões afetivas (uma disputa relativa a seu lugar no mundo), levando-o a criticá-la e a fornecer alternativas ao seu pensamento, sem considerar, no entanto, com mais rigor, e sem entender mais profundamente o que Klein havia proposto. Enfim, com base na suposição de quais eram os conflitos pessoais de Winnicott, ele conclui: “É preocupante que Winnicott tenha ficado tão imerso em sua própria perspectiva que às vezes não tenha apreciado com precisão os pontos de vista de Klein, mesmo quando a estava criticando”.<sup>29</sup>

Creio ser muito difícil – na verdade, impossível – interpretar a vida emocional de Winnicott em função do seu texto e de sua história, procurando, com isso, validar ou não suas teorias, suas propostas. Esse não me parece, ao menos, ser o espírito com o qual a ciência caminha. Nenhum físico valida o que Einstein fez

---

28 Ehrlich 2004, p. 480.

29 Ehrlich 2004, p. 480.

pelo fato de ele ter sido um bom ou mau pai, de ter tido conflitos emocionais etc., mas, sim, pelo fato de que suas teorias levaram a enunciar e resolver problemas da física; mais ainda, suas teorias se mostraram mais eficazes em descrever a realidade dos fenômenos que procurava explicar.

Se afastarmos esse argumento, recusando-nos a analisar as teorias e propostas de Winnicott em função dos seus sentimentos e conflitos pessoais, e dedicarmos-nos a verificar se as descrições dos fatos do desenvolvimento emocional, das psicopatologias (suas gêneses, suas dinâmicas etc.) têm, no mínimo, um valor heurístico para a resolução dos problemas que estão no campo da psicanálise, talvez possamos fazer a teoria psicanalítica se desenvolver, sem nos perguntarmos quem tem a verdade. Nessa direção, não caberia mais saber quem influenciou quem exatamente, mas como os fatos foram descritos a partir do que os psicanalistas tinham proposto até então.

André Green<sup>30</sup> se refere à proximidade e à distância de Winnicott em relação a Klein, considerando que Winnicott corresponde a um tipo de transição entre Freud e Klein. Green reconhece a importância de retomar Freud como tarefa básica-fundamental, e, ao fazer isso, chama a atenção para algumas posições de Winnicott, a saber:

- a não utilização do conceito metapsicológico de Freud de aparelho psíquico;
- a não redutibilidade dos impulsos básicos do ser humano às pulsões;
- a consideração de que não existe uma relação de objeto propriamente dita, desde o início, com a inserção das suas noções de objeto subjetivo e transicional;

---

30 Green 2005b, 2005b, 2013b.

- a consideração de que a sexualidade infantil não tem o mesmo lugar estruturante e definidor da organização psíquica que tem em Freud e em Klein;
- a consideração de um elemento feminino puro e um elemento masculino puro, que é totalmente diferente da tese freudiana da bissexualidade constituinte do ser humano;
- e, ao final, um ponto de acordo, a centralidade da teoria psicanalítica sobre os sonhos.

A continuidade de suas análises parece muito mais destacar as *diferenças* entre Klein e Winnicott (identificação projetiva, crítica à pulsão de morte e à inveja inata, o brincar etc.) do que estabelecer *conexões, proximidades, influências e continuidades*. Além disso, Green criticou Winnicott por este ter problemas emocionais pessoais que o impossibilitavam de lidar com a agressividade e a destrutividade no ser humano, julgando, então, que Winnicott propôs a noção de ser, expressa na noção de feminino puro, como modo de recusar a pulsão de morte, o que seria, na verdade, muito mais uma proposta afetiva reativa de Winnicott – uma “solução de compromisso”, como se diz na psicanálise, para caracterizar um sintoma –, do que uma elaboração teórica dos fenômenos da vida emocional.<sup>31</sup>

Sem que seja necessário entrar em uma discussão mais detalhada sobre a posição de Green, o que já fiz em outro lugar,<sup>32</sup> creio que a maneira como ele abordou o problema das relações entre Klein e Winnicott, ainda que com uma precisão de entendimento que muito nos esclarece sobre a posição teórica de cada um dos autores, não faz uma distinção entre os conceitos e seus referentes,

---

31 Green 2013b.

32 Fulgencio 2015b; tb. reimpresso em português em Fulgencio, Simanke, Imbasciati & Girard 2018.

o que torna difícil apreender quais são os elementos passíveis de comparação entre um autor e outro analisados por Green.

Meira Likierman,<sup>33</sup> reconhecendo que o contexto teórico de Klein e de Winnicott divergem (suas concepções sobre o que é o ser humano os colocam em perspectivas díspares) e que a tentativa de uma síntese entre sistemas seria um erro metodológico, avalia que tanto o enclausuramento em um sistema quanto a mistura dos sistemas não seriam opções válidas, propondo, então, que procuremos uma terceira via para compreendermos as mútuas influências entre esses autores, buscando a *complementaridade* de suas propostas, tendo em vista o próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica. Diz Likierman:

*Embora nem a polarização nem um pick-and-mix simples seja uma alternativa satisfatória, é possível argumentar a favor de uma terceira opção, a de complementaridade. De fato, existem áreas da teoria, tanto em Winnicott e Klein, que poderiam servir de base para criar uma [área] intermediária, mas teoricamente e clinicamente uma área útil. Uma área desse tipo não exclui a presença de ambos os aspectos semelhantes e diferentes da teoria; de fato, a complementaridade também esclarece áreas do pensar que poderiam fazer adições mutuamente compatíveis a um entendimento particular.<sup>34</sup>*

Likierman considera que seria possível conceber a existência de uma área de comunhão entre os sistemas teóricos de Klein e de Winnicott. Haveria uma área na qual poderiam ser encontradas complementariedades em relação a um determinado tema ou

---

<sup>33</sup> Likierman 2007.

<sup>34</sup> Likierman 2007, p. 114.

fenômeno.<sup>35</sup> Ela propõe, então, fazer-se essa tentativa de análise, em função do conceito de *reparação*: “O conceito de reparação, de Klein, é original e impressionante em seu escopo, mas é incompleto, pois ela não sugere um processo psíquico que permita a reparação, apenas descrevendo seu resultado”.<sup>36</sup> Para isso ela procura retomar as obras de Klein e Winnicott, apresentando uma visão geral sobre cada um, para, então, analisar especificamente o conceito de *reparação*. Ao retomá-las, chama a atenção para o fato de que tanto Klein como Winnicott procuram pensar as áreas mais primitivas do desenvolvimento (a relação com a mãe ou com o seio) de uma maneira que teria ultrapassado o ponto de vista de Freud: “Ambos acreditavam que a necessidade do bebê é pela pessoa da mãe, e por uma dual conexão fisiológica e emocional com ela”.<sup>37</sup> Likierman segue sua análise destacando a recusa que Winnicott fez dos conceitos de *pulsão de morte* e de *inveja inata*, acabando por destacar, como um problema sobre o qual os dois teriam se debruçado: a questão da ansiedade vivida pelo bebê logo no início do seu desenvolvimento pós-natal.

Creio que Likierman também não faz distinções que reconheçam mais claramente as diferenças entre Klein e Winnicott, dado que não se atém ao fato de que conceitos (mesmo como nomes similares ou próximos) em sistemas diferentes têm diferentes referentes. Seria o caso, por exemplo, da distinção entre as *angústias de aniquilação*, propostas por Klein, e as *angústias impensáveis*, propostas por Winnicott, ambas procurando descrever o que ocorreria, em determinadas condições, com o bebê nas suas fases mais primitivas. Não se trata da mesma concepção ontológica de ser humano, do mesmo bebê (com suas maturidades e imaturidades), em

---

35 Likierman 2007, p. 114.

36 Likierman 2007, p. 125.

37 Likierman 2007, p. 115.

um e outro autor! Talvez só na fase do concernimento, em Winnicott, e na posição depressiva, em Winnicott, seja possível encontrar referentes mais ou menos similares. Por um lado, talvez eles sejam mesmo complementares, mas não em um mesmo quadro teórico, dado que aquilo que está sendo reparado, para um e para outro autor, parece-me colocar Winnicott e Klein em focos e problemas diferentes

Susan Kavalier-Adler, no livro *The Klein-Winnicott Dialectic: Transformative New Metapsychology and Interactive Clinical Theory*,<sup>38</sup> reconhece existir conflitos conceituais importantes quando compara posições de Klein com as de Winnicott, mas defende que *duas contribuições talvez possam ser integradas em uma base fenomenológica comum*. Ela defende, assim, que aquilo que Klein procurou descrever (fenomenologicamente) com a sua teoria da posição esquizoparanoide e da posição depressiva corresponde ao mesmo campo de fenômenos teorizados por Winnicott, em uma outra linguagem e recusando a pulsão de morte.

Por um lado, é fato que ambos se ocuparam dos estágios mais primitivos do desenvolvimento, mas isso não significa que Klein e Winnicott, com suas teorias e seus conceitos, estejam se referindo à mesma realidade, aos mesmos fenômenos. Ela se propõe, então, a fazer uma síntese dialética, apoiando-se não só em Klein e Winnicott, mas em outros psicanalistas (como Fairbairn, Kohut, Balint, Bion, Fonagy, Mahler, Ogden), amalgamando os autores a partir de suas próprias concepções e interpretações,<sup>39</sup> para apresentar uma “teoria de desenvolvimento integrada”.

Kavalier-Adler, como outros já citados (Padel, Aguayo e Green), retoma a história de vida pessoal de Klein e Winnicott, procurando,

---

38 Kavalier-Adler 2014.

39 Kavalier-Adler 2014, p. xxvii.



com isso, fornecer um esclarecimento sobre as escolhas, ênfases e eventuais falhas nos sistemas teóricos desses autores. Dados desse tipo podem indicar campos de interesse e compromissos afetivos que podem orientar e mesmo limitar o pensamento científico de um autor, mas não podem servir como critério de avaliação de uma teoria. No entanto, é necessário lembrar que as teorias valem pelo seu poder de descreverem sinteticamente os fatos, ou ainda, por seu poder heurístico na resolução de problemas de um determinado campo do conhecimento, e não porque os seus autores têm tal história afetiva.

Sobre as relações Klein-Winnicott, especificamente, ela escreve, sem dar, no entanto, referências bibliográficas mais precisas (citando, por vezes, tomos das obras completas de Klein e, de Winnicott, alguns livros e um ou outro texto, mas sem dar o local ou locais exatos em que o leitor poderia encontrar as passagens que sustentariam suas afirmações):

*Winnicott era um teórico kleiniano. Como aqueles que estão familiarizados com o trabalho de Klein e Winnicott estão bastante conscientes, Winnicott estava em um diálogo contínuo com a teoria kleiniana em praticamente todos os seus próprios trabalhos. Klein tornou-se uma película sobre a qual Winnicott poderia lançar suas visões cada vez mais distintas e parcialmente polarizadas. Enquanto Klein (1932, *The Psychoanalyse of Children*) escreveu sobre a boa mãe interna, Winnicott (1960a, “*The theory of the parent-infant relationship*”) escreveu sobre a mãe externa “suficientemente boa”. Enquanto Klein (1957, *The Writings of Melanie Klein, Volume III: Envy and Gratitude and others Works 1946-1963*) escreveu sobre ansiedades depressivas de machucar ou matar aquele que um precisa e ama, com*

*um resultante remorso e arrependimento focado no outro, Winnicott (1965, The Maturation Process and the Facilitating Environment) escreveu sobre “a capacidade de preocupação”. Enquanto Klein (1975, The Writings of Melanie Klein, Volume I: Love, Guilt and Reparation and others Works 1921-1945) escreveu sobre o espaço interno do mundo, Winnicott (1971a, “Transitional objects and transitional phenomena”) escreveu sobre o espaço de transição e potencial. Enquanto Klein (1975) escreveu sobre agressão inata, Winnicott (1947, “Hate in the countertransference”) escreveu sobre ódio. Enquanto Klein (1975) escreveu sobre a manutenção da conexão autêntica e amorosa com objetos, através de remorso e reparação, Winnicott (1960b, “Ego Distortion in Terms of True and False Self”) escreveu sobre o fato de o verdadeiro eu poder emergir das relações objetais a partir de dentro. Enquanto Klein (1957) escreveu sobre a interpretação de impulsos e fantasias de raiva retaliatória, muitas vezes baseadas na inveja, a fim de promover a capacidade de amar através da consciência do ódio e do seu significado, Winnicott (1971b, Playing and Reality; 1975, Through Paediatrics to Psycho-Analysis) escreveu sobre o(s) analista(s), sobre a sobrevivência interpretativa de uma raiva primordial (sem retaliação ou abandono) por parte do analista.<sup>40</sup>*

Ao proceder dessa maneira, Kavalier-Adler considera que eles escreveram diferentes teorias ou abordagens para tratar dos mesmos fenômenos. No entanto, o sistema teórico desenvolvido por

---

40 Kavalier-Adler 2014, p. 60.

Klein e Winnicott tem divergências estruturais significativas, seja de modelo ontológico, seja no que se refere ao entendimento do que é e do que pode o bebê, em termos relacionais, no seu início pós-natal; além disso, há termos irredutíveis entre seus léxicos, como *self*, *ser*, *elemento feminino puro* etc.

Jan Abram & Robert Douglas Hinshelwood<sup>41</sup> apresentam, ao que sei, o trabalho mais completo e cuidadoso na análise das semelhanças, influências e diferenças entre Winnicott e Klein. Eles apresentam um quadro de discussão temática amplo e muito detalhado dos pontos de concordância e discordância desses autores,<sup>42</sup> reconhecendo e enfatizando que ambos foram pioneiros na compreensão das relações primitivas mãe-bebê, mas constituíram paradigmas semântico-teóricos diferentes. Ao listarem, então, os pontos de concordância e discordância entre Klein e Winnicott,<sup>43</sup> eles apresentam um conjunto amplo de temas e problemas, como:

- a técnica para a análise de crianças com o uso de brinquedos pequenos, ambos concordando com a importância dessa proposta;
- as fantasias inconscientes, como algo a ser sempre considerados desde as origens, ainda que possam discordar sobre o que é a fantasia na existência do bebê;
- a primazia dos instintos, para Klein, ou do ambiente, para Winnicott;
- a defesa e o apoio na teoria da pulsão de morte, em Klein, e a sua recusa, por Winnicott, considerando-a como um erro de Freud e de Klein, na tentativa de explicarem as origens da agressividade e da compulsão à repetição;

---

41 Abram & Hinshelwood 2018.

42 Abram & Hinshelwood 2018, pp. 27-28.

43 Abram & Hinshelwood 2018, pp. 27-28.

- a natureza e importância da atividade de brincar, tanto clínica como na vida ordinária, sendo, para Klein uma atividade expressiva, valendo pelos símbolos e afetos que expressa, e para Winnicott, como uma atividade que tem valor em si mesma;
- a existência, para Klein, da possibilidade de relações de objetos desde o início pré-natal e, portanto, a existência de um ego precoce, e, para Winnicott, a imaturidade do bebê para ter relações de objeto e para ser integrado na sua unidade como sujeito psíquico;
- a descrição do desenvolvimento em termos de modos de relações objetais, para Klein, e, em termos das relações de dependência, para Winnicott;
- o lugar e o momento em que a sexualidade e o complexo de Édipo têm importância, para Klein, com um dado de base, e, para Winnicott, como uma conquista do desenvolvimento.

A maneira como apresentam esses temas-fenômenos também diz respeito às teorias metapsicológicas que os acompanham, abrangendo a teoria psicanalítica de um modo mais geral, cuja análise mais detalhada nos levaria a escrever muito mais do que temos aqui o direito, e isso nos distanciaria, creio, do nosso objetivo geral, que é demarcar um quadro para a compreensão das continuidades e rupturas entre as propostas de Winnicott e as de Klein.

A meu ver, Abram & Hinshelwood tocam em muitos temas, mas não enfatizam certas diferenças que me parecem fundamentais, deixando um pouco obscuro o que diferencia Klein de Winnicott, e vice-versa. Por exemplo, a diferença de modelo ontológico entre eles e o lugar da noção de ser, distinguindo os modelos ontológicos em jogo; o modelo de saúde, bem como o de fim de análise;

o reconhecimento mais claro dos fenômenos, acontecimentos e problemas que não são redutíveis à questão da administração da vida instintual nas relações interpessoais (ou seja, da sexualidade no cenário edípico); a compreensão da ação de brincar como fundamento da prática clínica e da própria natureza humana, por Winnicott, como algo que tem valor para além de ser expressão simbólica do mundo interno, mas valor em si mesmo (brincar que será um modelo para a prática clínica); o lugar da angústia e da dependência no processo analítico, recolocando a importância do ambiente; e, ao final, o reconhecimento de que, no fim de análise, não teríamos *inveja e gratidão*, mas autonomia sentida como conquistada por si mesmo, sem dívida com o analista, mas com amor por ele, como nas relações saudáveis entre pais e filhos. Todos esses temas constituem, ainda, a meu ver, pontos a serem analisados em maior profundidade, tanto para compreender as diferenças entre esses autores quanto para reconhecer continuidades e possibilidades de diálogos, tendo em vista do desenvolvimento da psicanálise, tanto como ciência como *práxis*.

\* \* \*

Em resumo, nessa perspectiva de análise que estou apresentando, não há integração ou síntese possível entre sistemas teóricos díspares; o que um sistema pode fazer é fornecer elementos factuais-descriptivos que podem servir como *incitações* para que outro sistema os redescreva no seu próprio quadro conceitual.<sup>44</sup> Não obstante, esses sistemas interferem profundamente uns nos outros, fornecendo horizontes, mostrando fragilidades e falhas uns aos outros, dando, então, uma contribuição para que as teorias e as práticas de cuidado psicanalíticas possam se desenvolver.

---

44 Cf. uma análise epistemológica desse problema da comunicação entre proposições teórico-semânticas díspares na psicanálise em Fulgencio 2020b.



*Winnicott disse:*

*“Somos todos freudianos... mais ou menos.”*

Neste segundo volume de *Winnicott & Companhia*, encontramos uma análise das proximidades e distâncias, teóricas e práticas, entre o pensamento e as propostas de Winnicott e as de Klein e Ferenczi. Trata-se de colocar em evidência uma série de compreensões psicanalíticas sobre a *natureza humana*, o processo de desenvolvimento emocional, as psicopatologias, bem como sobre o tratamento psicoterápico psicanalítico proposto por esses autores.

Klein foi supervisora de Winnicott e ele mesmo afirmou que, quando a conheceu, deixou de se ver como um pioneiro para se ver como um aprendiz.

Angela Joyce, em 2017, referindo-se à presença de Ferenczi na obra de Winnicott, afirmou: “Embora Winnicott não faça referência a Ferenczi, os laços com suas ideias são impressionantes”.

Os ensaios apresentados aqui procuram fazer uma primeira aproximação crítico-comparativa, ainda que não exaustiva, das relações entre o pensamento de Winnicott, Klein e Ferenczi.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-440-7



9 786555 064407



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Winnicott & companhia – Vol. 2

Winnicott, Klein e Ferenczi

---

Leopoldo Fulgencio

ISBN: 9786555064407

Páginas: 172

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---